La Comédiathèque

De animais e homens

Jean-Pierre Martinez



comediatheque.net

Este texto é oferecido gratuitamente para leitura.
Antes de qualquer exploração pública, profissional ou amadora,
deve obter a autorização do autor: https://comediatheque.net

De animais e homens

Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Fábulas contemporâneas sobre o mundo tal como vai…
e, sobretudo, tal como não vai.

1 – As Térmitas....3
2 – Os peixes-vermelhos....5
3 – Os cavalões....7
4 – Os preguiçosos....10
5 – A hidra....12
6 – Os pombos....14
7 – O urso....15
8 – As pombas da paz....17
9 – O melhor amigo do homem....18
10 – Os texugos....20
11 – As aves de rapina....22
12 – As borboletas....24
13 – Os abutres....26
14 – As galinhas....27
15 – Os caranguejos....29
16 – As carpas....30
17 – As abelhas....32
18 – Os migrantes....33
19 – Os predadores....34
20 – Os sapos....35
21 – Os corvos....36
22 – As presas....39
23 – Os papagaios....42

© La Comédiathèque

1 – As Térmitas

Um – Então é isso…

Dois – Sim, parece que sim.

Um – Pensávamos que aqui nunca aconteceria uma coisa destas.

Dois – Não.

Uma pausa.

Um – Achas que poderíamos ter feito alguma coisa para o impedir…?

Dois – Pode-se impedir que a maré suba…?

Um – É verdade. Era como uma maré.

Dois – Uma maré humana.

Um – Subiu muito lentamente.

Dois – Durante imenso tempo.

Um – Inexoravelmente.

Uma pausa.

Dois – Primeiro chamaram-lhe «desdiabolização».

Um – Disseram que era uma forma de «libertar a palavra».

Dois – Até a liberdade de expressão.

Um – E depois passou-se do direito a dizer disparates à ditadura da estupidez.

Dois – Começou com a censura.

Um – Continuou com a autocensura.

Dois – Não chamar a atenção.

Um – Para não se pôr em perigo.

Dois – Farão como fizeram noutros sítios, vais ver. Começarão por infringir a lei.

Um – E depois mudarão a lei.

Dois – Já não se poderá dizer nada. Só se poderá repetir.

Um – Repetir o que os outros já dizem.

Dois – Sem sequer pensar nisso.

Um – Até pensar se tornará perigoso.

Dois – Até existir se tornará perigoso.

Um – Teremos de desaparecer.

Dois – Será preciso apagar tudo.

Um – Começarão por ler o nosso correio.

Dois – Acabarão por ler os nossos pensamentos.

Um – Até deixarmos de ser verdadeiramente humanos.

Dois – Até voltarmos a ser animais.

Um – Animais sociais.

Dois – Até sermos térmitas.

Um – Que se alimentam das vigas da sua própria casa.

Dois – Até que o teto lhes caia em cima e os sepulte.

Um – Então toda a humanidade terá desaparecido.

Uma pausa.

Dois – Ainda se pode inverter a corrente?

Um – A maré acaba sempre por descer, não é?

Dois – E se desta vez não fosse uma simples maré? E se fosse…

Um – Uma enchente de águas turvas, provocada pela desordem política.

Dois – Então já não há nada a fazer…

Um – Quando a lama acabar de cobrir a cidade, os ratos sairão dos esgotos e invadirão as ruas.

Dois – Já andam à solta nas redes sociais.

Escuro.

2 – Os peixes-vermelhos

Um – Lembras-te do que te disse ontem?

Dois – Não. O que é que me disseste?

Um – Pois… precisamente, já não me lembro.

Dois – Ah, sim…

Uma pausa.

Um – E do que te disse há bocado, lembras-te?

Dois – Não. Disseste-me alguma coisa?

Um – Já não sei.

Dois – Não, não estou a ver…

Uma pausa.

Um – E do que acabei de te dizer, mesmo agora? Disso ainda te lembras, não?

Dois – Não, o que é que me disseste?

Um – Estava a perguntar-te se… Já não sei…

Dois – Eu também não.

Uma pausa.

Um – Francamente, para que serve continuar a falar se não sabemos o que dizemos?

Dois – Não sei… Para nos sentirmos menos sós, suponho…

Um – Sim…

Dois – Mas, pensando bem, somos peixes-vermelhos. Nem sequer devíamos falar, pois não?

Um – Não, tens razão.

Dois – Mais vale ficarmos calados.

Um – Sim… *(Uma pausa)* Sobretudo porque estão a olhar para nós…

Dois – Pois é… Estão mesmo a olhar para nós.

Um – Quem são aqueles dois? Parece que nos vigiam…

Dois – As caras deles são-me um pouco familiares, mas… já não sei.

Um – Ou então estamos a ver o nosso reflexo no aquário.

Dois – Sim, pode ser.

Uma pausa.

Um – Não terá este aquário encolhido um pouco…?

Dois – Desde quando?

Um – Não sei.

Dois – Sim, pode ser que sim…

Um – Ou então somos nós que crescemos.

Dois – Pode ser…

Um – Antes éramos mais pequenos?

Dois – Já não me lembro…

Escuro.

3 – Os cavalões

Um – Olá.

Dois – Olá.

Um – Sou sado.

Dois – Muito prazer. Eu sou o Alex.

Um – Eh… Não, quero dizer… Sou sado… tu és maso?

Dois – Maso? Queres dizer, eh… Não… Porquê?

Um – Ah, não, desculpa, eu… Ao ver-te assim, pensei que…

Dois – Achas que tenho cara de maso…?

Um – Não, nada disso… Bem, um bocadinho, talvez.

Dois – Pois não…

Um – Está bem, está bem… Enganei-me… Então tu também és sado.

Dois – Sado? Mas não, porquê?

Um – Pois… se não és maso, és sado, não é?

Dois – Ah, é…? E porquê?

Um – Para começar, estamos num clube sadomasoquista…

Dois – Estamos num clube sado-maso?

Um – Claro… Não sabias?

Dois – Pois não… Pensava que era um clube normal… Enfim… um clube, apenas…

Um – Mas deves ter visto o letreiro à entrada.

Dois – «A Fusta»…?

Um – E isso não te fez pensar em nada?

Dois – Como há um hipódromo mesmo ao lado…

Um – Pensaste que era um clube de jóqueis.

Dois – Não só isso, mas…

Um – És jóquei?

Dois – Não. Mas gosto de cavalos. De vez em quando aposto nas corridas. Por acaso, acabo de acertar nos três primeiros cavalos pela ordem certa. Vim cá festejar…

Um – Num clube sado-maso…

Dois – Estou a dizer-te que não sabia!

Um – Mas deves ter reparado que a clientela tem um estilo um bocadinho particular, não?

Dois – Um bocadinho particular…?

Um – O couro, as correntes, os bigodes…

Dois – Pensei que fosse um grupo de motociclistas numa saída à noite.

Um – Já…

Dois – Não sabia… Acontece, não é?

Um – Ou então foi um ato falhado…

Dois – Um ato falhado…?

Um – Pode ser que, no fundo, soubesses perfeitamente onde te estavas a meter e te apetecesse experimentar.

Dois – Experimentar? Experimentar o quê?

Um – Já experimentaste alguma vez?

Dois – Não…

Um – Então como é que sabes que não vais gostar, se nunca experimentaste?

Dois – Há imensas coisas que nunca fiz e que não tenho a mínima vontade de experimentar, garanto-te.

Um – Ah, sim? Como quais…?

Dois – Sei lá… Saltar de paraquedas, por exemplo.

Um – Pois não sabes o que perdes.

Dois – Já saltaste de paraquedas?

Um – Sou paraquedista.

Dois – Ah, sim… Mas paraquedista…?

Um – Paraquedista.

Dois – Ah, está bem… E então, eh… Mas tu também de certeza que há coisas que nunca fizeste e que não te apetece experimentar, não?

Um – Como quais?

Dois – Sei lá… Votar à esquerda, por exemplo…

Um – Isso já experimentei, imagina…

Dois – Ah, sim…? E então… não gostaste…?

Um – Digamos que fiquei bastante desiludido.

Dois – Entendo… Então pensaste em… sado-maso.

Um – Quando nunca se experimentou…

Dois – Está bem…

Um – Nem uma palmadinha no rabo, assim de repente, te tenta?

Dois – Uma palmada…?

Um – Com um chicote de várias tiras, se preferires.

Dois – Olha, isso fazia-me lembrar os tempos de escola.

Um – Quando eras jovem frequentavas clubes sado-maso?

Dois – Não, mas andei na escola pública. Fazia-se isso na sala de aula, à frente de toda a gente, com autorização dos pais. A professora tinha o chicote de tiras e era eu quem levava as palmadas.

Um – A professora batia-te com um chicote de tiras…?

Dois – A verdade é que, se pensares nisso agora…

Um – Vês! Eu bem sabia que eras maso!

Dois – Acho que é melhor eu ir-me embora.

Um – Volta quando quiseres. Se algum dia te apetecer voltar a experimentar…

Dois – Está bem… Vou… vou pensar no assunto…

Um – Isso mesmo, pensa…

Dois – Vou-me embora…

Um – Até à próxima, Alex.

Escuro.

4 – Os preguiçosos

Um – Ah, estás aí… Não te ouvi chegar.

Dois – E, no entanto, levei um bom bocado a chegar até ti. Estava no ramo logo acima. Parti há vinte minutos…

Um – Tinhas alguma coisa urgente para me dizer?

Dois – Não, mas… estava a começar a preocupar-me.

Um – E porquê?

Dois – Estás há duas horas sem te mexer. Em que é que estás a pensar?

Um – Perguntava-me como é que conseguimos sobreviver durante milhões de anos.

Dois – Ah, sim…?

Um – E ainda hoje, como é que conseguimos viver mais de cinquenta anos.

Dois – É verdade. Também penso nisso às vezes. Quer dizer, não muitas…

Um – Movemo-nos muito devagar, não somos propriamente brilhantes e levamos quase um mês a digerir o que comemos…

Dois – E só comemos folhas. Não sei porquê, com tanta coisa mais nutritiva que poderíamos comer.

Um – O mundo muda, mas nós continuamos sempre iguais. Não evoluímos absolutamente nada para nos adaptarmos ao nosso meio…

Dois – Dizem que o homem descende do macaco e que o macaco desce das árvores… Nós só descemos uma vez por semana, para defecar.

Um – Já nem sequer me lembro porque é que fazemos isso, além do mais.

Dois – Porque é que só defecamos uma vez por semana?

Um – Porque é que somos obrigados a descer da árvore para isso.

Dois – Não sei.

Um – Sobretudo porque é precisamente nesse momento que somos mais vulneráveis.

Dois – Pois… Por outro lado… temos a carne bastante passada, estamos cobertos de algas e parasitas, cheiramos mal…

Um – É verdade… Não somos propriamente muito apetecíveis.

Dois – Deve ser por isso que sobrevivemos todo este tempo.

Um – Dizem os humanos que mais vale causar inveja do que pena. Para nós, os preguiçosos, é precisamente o contrário.

Dois – Pois. Quando não se corre depressa e não temos com que nos defender, mais vale causar nojo do que inveja.

Um – Até as tartarugas são mais rápidas do que nós.

Dois – E elas, pelo menos, podem sempre refugiar-se no casco.

Um – Já alguma vez fizeste uma corrida com uma tartaruga?

Dois – Não… Com um caracol, sim. Ganhou o caracol. Não estava muito em forma nesse dia…

Uma pausa.

Um – Bem, então vamos?

Dois – Para onde?

Um – Lá em baixo, defecar.

Dois – É hoje?

Um – É amanhã, mas como demoramos um dia inteiro a descer da árvore…

Dois – Tens razão…

Um – Não convém que nos dê uma urgência, pois não?

Dois – Não…

Escuro.

5 – A hidra

Um – Ouviste isto? No Afeganistão, as mulheres estão condenadas a viver em quartos sem janelas…

Dois – Sem janelas…?

Um – Para não correrem o risco de serem vistas pelos vizinhos.

Dois – É inacreditável… quando bastava fechar as persianas.

Um – Até nos Estados Unidos, o direito ao aborto está a ser posto em causa na maioria dos estados.

Dois – Pensar que a América era outrora o país da liberdade…

Um – E na Europa não estamos muito melhor…

Dois – Pensávamos ingenuamente que o progresso avançava apenas num sentido, e que a luz acabaria por dissipar as trevas.

Um – Mas em todo o mundo a religião volta a levantar a cabeça.

Dois – A religião… é como aquele monstro da mitologia grega. Cortas-lhe uma cabeça e voltam a crescer três.

Um – Sim… As três religiões monoteístas.

Dois – As religiões monoteístas são as piores. Os gregos tinham uma só religião, mas vários deuses. Pelo menos podias escolher. E tudo ficava em família…

Um – Hoje há várias religiões, mas é a tua comunidade que te impõe a sua desde que nasces.

Dois – Só tens direito a um deus por pessoa…

Um – E como cada um desses três deuses pretende ser o único com direito a existir…

Dois – Acaba sempre em guerras de religião.

Um – O ateísmo é a primeira das crenças no nosso país e, no entanto, somos nós a quem se pede que baixemos a cabeça.

Dois – É verdade. Antes da Primeira Guerra Mundial, ser anticlerical era ser de esquerda e antiburguês.

Um – Hoje, se criticas a religião, acusam-te de racismo e de desprezar as classes populares.

Dois – No entanto, Marx já dizia que a religião é o ópio do povo.

Um – É verdade que, na altura, o ópio era um luxo reservado às elites.

Dois – E, até há poucos anos, a cocaína era coisa de gente do espetáculo.

Um – Pois. Os comprimidos de droga de todo o tipo custavam caro. As hóstias, pelo contrário, são de graça.

Dois – Foi assim que conseguiram inundar o mercado.

Um – À primeira vista, as hóstias parecem menos perigosas que o LSD, mas também acabam por atacar os neurónios.

Dois – E, pelos vistos, ainda causam mais dependência.

Um – Infelizmente, a religião também não impediu que a cocaína se popularizasse.

Dois – É uma dupla pena…

Um – Então, já não há esperança…?

Dois – Nunca devemos perder a esperança na liberdade… Expulsamo-la pela porta e ela volta pela janela.

Um – Deve ser por isso que decidiram emparedar as janelas no Afeganistão.

Escuro.

6 – Os pombos

Um – Estás a ver aqueles dois pombos no ramo?

Dois – Sim.

Um – Achas que formam um casal?

Dois – Pode ser.

Um – Não sei se têm o ninho por aqui ou se estão apenas de passagem.

Dois – Não sei.

Um – Daqui a segundos vão levantar voo e nunca mais os voltaremos a ver.

Dois – Sim…

Um – Nunca saberemos para onde foram nem porquê.

Uma pausa.

Dois – Mas, pensando bem, que nos interessa isso?

Um – Reparaste? Parece que estão a olhar para nós…

Dois – Sim.

Um – Achas que eles também se interrogam sobre a mesma coisa?

Dois – Que pergunta?

Um – Quando é que vamos levantar voo daqui e porquê?

Dois – Não sei… *(Uma pausa.)* Bem, vamos levantar voo…

Um – Está bem. Para onde vamos?

Dois – Não sei…

Escuro.

7 – O urso

Um – O que estás a ler?

Dois – Não estou a ler, é… é um método…

Um – Um método…?

Dois – Um método de línguas…

Um – Não sabia que havia métodos para aprender a usar a língua…

Dois – Para aprender línguas! Línguas estrangeiras…

Um – Ah, já percebi… É para as próximas férias? Espanhol? Italiano?

Dois – Russo.

Um – Russo…? Estás a brincar?

Dois – Não.

Um – Queres ir de férias à Rússia?

Dois – Não.

Um – Então por que queres aprender russo?

Dois – E porque não? A Rússia é um país enorme e tem uma literatura extraordinária.

Um – Também podes ler Tolstói traduzido…

Dois – Sim, mas não é a mesma coisa… e além disso, o russo pode sempre servir para alguma coisa.

Um – Servir? Para quê?

Dois – Não sei… Para o caso de um dia nos invadirem…

Um – Está bem… Ou seja, já estás a aprender a língua do ocupante.

Dois – Ao menos assim compreenderia o que dissessem.

Um – E não tens medo de ser considerado colaboracionista depois da libertação?

Dois – Na pior das hipóteses, podia ler Guerra e Paz no original…

Um – Já leste Guerra e Paz em tradução?

Dois – Não…

Um – Acreditas mesmo que os russos poderiam chegar até aqui?

Dois – Os alemães chegaram a ocupar Paris.

Um – Ficava-lhes mais perto. Bastava atravessar o Reno.

Dois – Napoleão também invadiu a Rússia.

Um – E não lhe correu nada bem. A Rússia ficava muito mais longe… Já agora, porque é que o teu livro tem um urso na capa?

Dois – É um dos símbolos da Rússia: forte e imprevisível. Mais vale estarmos preparados para tudo. Devias começar a estudar também.

Um – Não será para amanhã, pois não?

Dois – Não, mas o russo não se aprende numa semana…

Escuro.

8 – As pombas da paz

Um – Que barulheira é aquela lá fora…? É infernal… Até afugenta os pombos…

Dois – São pombas-brancas…

Um – Parece… música militar.

Dois – Ah, sim, pode ser…

Um – Sim, é isso… música militar.

Dois – Sim, uma fanfarra…

Um – Música militar… É incrível…

Dois – O quê?

Um – «Música militar»… Parece um oxímoro, não?

Dois – Um quê?

Um – Duas palavras que não combinam. Ao contrário de «Michelle» e «ma belle», percebes?

Dois – Michelle e Ma Belle…?

Um – A canção dos Beatles!

Dois – Ah, sim…

Um – A música é mais uma coisa pacifista, não é?

Dois – É verdade…

Um – Diz-se que a música amansa as feras.

Dois – Sim…

Um – Então a música não devia ter nada a ver com a guerra, não?

Dois – Não.

Um – Agora, uma coisa é certa: a música militar dá mesmo vontade de matar alguém.

Dois – A começar por quem compôs esta obra-prima…

Escuro.

9 – O melhor amigo do homem

Um – Posso sentar-me contigo?

Dois – Estou de pé…

Um – Posso ficar de pé ao teu lado?

Dois – Desde que te cales, porra…

Uma pausa.

Um – É incrível…

Dois – Não tínhamos dito que tinhas de te calar…?

Um – Segundo os estudos mais recentes de física quântica, 99,99 % de um átomo seria espaço vazio.

Dois – Não me digas…?

Um – Isso quer dizer que nós também somos quase inteiramente feitos de vazio.

Dois – Pois olha, no teu caso não me surpreende assim tanto.

Um – Dá medo, não dá?

Dois – Para já, é o meu copo que está meio vazio. *(Esvazia o copo.)* Pronto, agora está cem por cento vazio. Pagas outra rodada?

O outro pega no copo e observa-o.

Um – Olha, ainda há uma gota no fundo. Portanto, só está 99,99 % vazio. Ou seja, está tão cheio como tu. Mais uma gota e transborda.

Dois – Física quântica… Tu lês livros de física quântica? Se eu nunca te vi sequer abrir o jornal.

Um – Li isso numa publicação nas redes sociais.

Dois – Ainda vamos ver alguém ganhar o Prémio Nobel da Matemática só por ler estas tretas na Internet.

Um – Não existe Prémio Nobel da Matemática.

Dois – Como assim, não existe Prémio Nobel da Matemática?

Um – Não.

Dois – E por que raio não existe o Prémio Nobel da Matemática?

Um – Dizem que a mulher do Nobel o traiu com um matemático. Foi o que li na Internet…

Dois – E o que é que o senhor Nobel inventou, para além do Prémio Nobel?

Um – Inventou a dinamite.

Dois – A dinamite?

Um – A dinamite.

Dois – Foi antes ou depois de descobrir que a mulher o traía?

Um – Não sei…

Dois – De certeza que foi depois.

Um – Lá está: quando uma pessoa está motivada…

Dois – Sim… Olha, tu também és cornudo e nunca inventaste nada…

Uma pausa.

Um – Sabias que os preguiçosos só descem da árvore uma vez por semana?

Dois – Não, e estou-me completamente a cagar.

Um – E sabes porquê?

Dois – Diz-se que a certos animais só lhes falta falar. Contigo é o contrário: se aprendesses a fechar a boca, eras o companheiro perfeito…

Escuro.

10 – Os texugos

Um – Viste aquilo? Há um texugo sentado numa cadeira, no meio da rotunda.

Dois – Um texugo…? Então voltaram?

Um – Quem?

Dois – Os manifestantes.

Um – Um texugo! Não sabes o que é um texugo?

Dois – Sei. Tenho um mesmo à minha frente.

Um – Estou a falar de um texugo de verdade, bolas!

Dois – Um texugo a sério…? Sentado numa cadeira?

Um – No meio da rotunda.

Dois – E quem se lembrou de pôr uma cadeira no meio de uma rotunda?

Um – Digo-te que há um texugo sentado numa cadeira, no meio da rotunda, e tu perguntas quem pôs lá a cadeira?

Dois – E então…?

Um – Quando o sábio aponta para o texugo, o idiota olha para a cadeira…

Dois – Mais um dos teus provérbios chineses. Tens a certeza de que não acabaste de o inventar?

Um – É uma adaptação livre…

Dois – E o que é que esse texugo faz numa cadeira no meio da rotunda? Está a dirigir o trânsito?

Um – Está morto.

Dois – Está morto?

Um – Claro que está morto! Senão não ficava assim, sentado numa cadeira no meio de uma rotunda.

Dois – Daí a minha pergunta: quem pôs a cadeira?

Um – E, sobretudo, quem sentou o texugo na cadeira?

Dois – E, mais importante ainda, quem matou o texugo?

Um – Mas achas que alguém o matou?

Dois – Porque está morto! Conheces muitos texugos que morram de causas naturais, sentados numa cadeira no meio de uma rotunda?

Um – Também esta mania de construir rotundas…

Dois – O quê?

Um – Para que serve esta rotunda? Antes era um cruzamento e ninguém se queixava.

Dois – Havia bastantes acidentes.

Um – Já…

Dois – Houve vários mortos.

Um – Talvez… Mas nunca um texugo!

Dois – Tens razão… É uma história bastante estranha…

Escuro.

11 – As aves de rapina

Um – Isto não está nada animador…

Dois – Não.

Um – Há tanta miséria no mundo.

Dois – Tantas guerras.

Um – Crianças que morrem à fome.

Dois – Terramotos.

Um – Inundações.

Dois – Tornados.

Um – Até aqui, onde vivemos, há tantas atrocidades nos jornais.

Dois – Acidentes.

Um – Crimes.

Dois – Violações.

Um – Afogamentos.

Dois – Indigestões.

Um – E, no entanto, nós continuamos a viver tranquilamente.

Dois – Sim. Não nos tira o sono, a verdade é essa.

Um – E não nos corta o apetite.

Dois – Para que serviria deixarmo-nos morrer à fome?

Um – Para nada, é claro.

Dois – Portanto, mais vale continuarmos a comer até não podermos mais.

Um – Sirvo-te mais?

Dois – Obrigado, mas já não consigo engolir mais nada…

Um – Espero que esta conversa não te tenha tirado o apetite.

Dois – Qual quê… Mas já me serviste três vezes.

Um – Achas que somos demasiado egoístas?

Dois – O que é que podemos fazer, de qualquer maneira?

Um – Não sei. Nada, provavelmente.

Dois – Pensar nisso de vez em quando.

Um – Penso nisso e depois esqueço.

Dois – É assim a vida.

Um – É o que há.

Dois – E, no fundo, os outros… estamos bem a borrifar-nos para eles, convenhamos.

Um – Nem sequer os vizinhos nos interessam.

Dois – Nem os amigos.

Um – Nem a família.

Dois – E também ninguém se importa connosco.

Um – É assim. É a vida.

Dois – É triste, mas é assim.

Um – É triste?

Dois – Sim, pronto…

Um – De qualquer maneira, estamos contentes por não sermos nós a passar por tudo isso.

Dois – Sim, muito contentes.

Um – Vá, temos de acabar com isto tudo.

Dois – Afinal de contas… não é todos os dias domingo.

Um – Hoje é domingo? Pensava que ontem é que era domingo…

Dois – Ah, sim, pode ser…

Um – No fundo, domingo ou segunda-feira, que diferença faz?

Dois – Não é isso que nos vai tirar o apetite.

Um – Para nós, todos os dias são domingo, não é?

Dois – Se nem tu me interessas para nada! Vá, à minha saúde!

Escuro.

12 – As borboletas

Um – Olá.

Dois – Olá.

Um – És nova por aqui?

Dois – Sim. E tu?

Um – Também. Estou aqui desde ontem.

Dois – Eu também.

Um – E então… queres dar uma queca?

Dois – Não sei… Não achas que é um bocado cedo? Talvez amanhã…

Um – Amanhã estaremos mortos. Somos borboletas. Só vivemos um ou dois dias e já cá estamos desde ontem…

Dois – Ah, é…? Está bem…

Um – Então?

Dois – Podias convidar-me para almoçar antes, ou… sei lá… pagar-me uma bebida…?

Um – Gostava, mas…

Dois – Mas quê?

Um – Não temos boca, nem aparelho digestivo. Estamos aqui apenas para nos reproduzirmos e depois morremos.

Dois – Tens a certeza?

Um – Tenho a certeza.

Dois – Bom…

Um – Já… Eu sei… O amor entre borboletas não é muito romântico, mas enfim…

Dois – Já…

Um – Posso fazer-te uma dança nupcial, se quiseres.

Dois – E depois beijamo-nos…?

Um – Não temos boca, estou-te a dizer…

Dois – Está bem, esquece a dança nupcial…

Um – Ótimo… Não, é que tinha preparado uma coreografia, mas acho que ainda não a sei fazer muito bem.

Dois – Em tua casa ou na minha?

Um – Somos borboletas, digo-te eu.

Dois – Então está bem, vamos fazer borboletinhas.

Um – Sim…

Dois – E agora?

Um – Só que não vão ser borboletinhas, sabes…

Dois – Então vão ser o quê?

Um – Larvas.

Dois – Ah, já… É preciso estar mesmo muito motivado, não é…?

Um – É para perpetuar a espécie.

Dois – Bom, se é para perpetuar a espécie, então… Vamos a isso…

Escuro.

13 – Os abutres

Um – Quando penso em toda essa pobre gente que não tem nada para comer…

Dois – Outra vez…?

Um – Enquanto nós estamos aqui a empanturrar-nos.

Dois – Embora, às vezes, nem saibamos muito bem o que estamos a comer…

Um – É verdade… Já nem sabemos o que comer.

Dois – O peixe está cheio de mercúrio.

Um – A carne vem carregada de antibióticos.

Dois – Os legumes estão saturados de pesticidas.

Um – Dizem que até o chocolate contém metais pesados.

Dois – Sem falar da água da torneira.

Um – Ou mesmo da água mineral, por causa das garrafas de plástico.

Dois – Sim… Não sei quem dizia que cada um cava a sua própria sepultura com os dentes.

Um – É um provérbio chinês, acho eu.

Dois – Impressionante a quantidade de provérbios parvos que os chineses inventaram.

Um – «Cavamos a sepultura com os dentes»… Vai dizer isso a quem está a morrer à fome, seja onde for.

Dois – Seja como for, é preciso comer alguma coisa, isso é certo. Não vamos deixar-nos morrer à fome.

Um – Sim… Já que é para morrer de alguma coisa, mais vale morrer de barriga cheia.

Dois – Sirvo-te mais?

Um – Com muito gosto…

Escuro.

14 – As galinhas

Um – Hoje de manhã não está propriamente calor, pois não?

Dois – Não. Estamos mesmo a gelar.

Um – Olha, até fiquei com pele de galinha.

Dois – Eu também.

Um – Ao mesmo tempo, é normal. Somos galinhas.

Dois – É verdade.

Um – Mesmo assim, será que não apanhei uma constipação?

Dois – Criadas ao ar livre, dizem eles… Está muito bem, mas quando estão cinco graus negativos…

Um – Quase dá vontade de voltar às gaiolas da criação intensiva.

Dois – Quem te terá passado esse vírus?

Um – Ontem passou por aqui um bando de aves migratórias. Lembras-te? Vieram debicar a nossa ração.

Dois – Esses migrantes acham que têm direito a tudo.

Um – Sim… Não se sabe de onde vêm…

Dois – E estão cheios de doenças.

Um – E tu, como estás?

Dois – Para já, bem. Mas não te aproximes muito, por via das dúvidas.

Um – Bem, doentes ou não, se for gripe aviária…

Dois – O quê?

Um – Vão abater o rebanho todo, não vão?

Dois – Sim… *(Uma pausa.)* Mas diz-se «rebanho» quando se fala de galinhas?

Um – E como queres que se diga?

Dois – Não sei.

Um – Vão abater o rebanho todo, vais ver.

Dois – Entretanto, as aves migratórias já estarão a apanhar sol e a dourar as penas.

Um – Esses não correm o risco de se constipar, isso é certo…

Dois – Às vezes pergunto-me se não teria preferido ser uma ave selvagem.

Um – Tens sempre de exagerar.

Dois – Sim…

Escuro.

15 – Os caranguejos

Um – Ouviste o que disse a peixeira esta manhã, no mercado?

Dois – O quê?

Um – Quando nos viu chegar, disse: «Olá, caranguejinhos!»

Dois – «Olá, caranguejinhos»…?

Um – Não é um bocado de confiança a mais? Mesmo para uma peixeira.

Dois – Eu não ouvi nada disso.

Um – «Olá, caranguejinhos»… Admito que envelhecemos, mas daí a tratar-nos por velhos caranguejos…

Dois – Estou a dizer-te que não ouvi isso. Aliás, hoje nem fomos à peixaria.

Um – Ah, não?

Dois – Comprámos um frango.

Um – Ah, sim? Tens a certeza?

Dois – O que comemos ao almoço.

Um – Então talvez tenha sido a mulher da banca das aves.

Dois – «Olá, caranguejinhos»… Espera, agora lembro-me. Não terá dito «Olá, namoradinhos»?

Um – «Namoradinhos»…?

Dois – Foi a mulher da banca das aves, já te disse! Porque é que havia de chamar-nos «caranguejinhos»?

Um – Ah, se calhar ouvi mal…

Dois – Sim… A verdade é que ultimamente estás um bocadinho surdo.

Um – «Olá, namoradinhos» é muito mais simpático, não é?

Dois – Sim…

Um – Mas tens a certeza?

Dois – Que dia é hoje?

Um – Quinta-feira.

Dois – Pois! O dia do peixe é à sexta-feira, meu franguinho.

Escuro.

16 – As carpas

Um – É incrível… Parece que os cientistas conseguiram criar matéria a partir do nada.

Dois – Ah, sim…?

Um – Não parece que isso te surpreenda.

Dois – Os dramaturgos já fazem isso há muito tempo.

Um – Como assim?

Dois – Criar uma peça de teatro a partir do nada.

Um – A partir do nada?

Dois – Pões duas personagens que não existem frente a frente e esperas…

Um – Mas duas personagens que tenham alguma coisa para dizer uma à outra?

Dois – Mesmo que não tenham nada para dizer… isso pode ser o tema da peça.

Um – O tema? Que tema?

Dois – Duas personagens que não têm nada para dizer uma à outra.

Um – Mas acontece alguma coisa, pelo menos?

Dois – Não necessariamente. Isso também pode ser o tema da peça.

Um – Duas personagens que não têm nada para dizer uma à outra e não acontece nada?

Dois – Sim. Acho que pode perfeitamente ser o tema de uma peça.

Um – Está bem.

Dois – É até um tema muito contemporâneo. A dificuldade de comunicação… A falta de perspetivas… Enfim…

Um – Tudo isso… a partir do nada?

Dois – Não, a sério… É um ótimo tema para uma peça. Até já tenho o título.

Um – Ah, sim?

Dois – As carpas.

Um – As carpas.

Dois – Diz-se «mudo que nem um peixe», não é? Pois bem, numa peça com duas carpas que não têm nada para dizer uma à outra…

Um – Está bem… Mas quando falas numa peça, estás a falar de uma peça aborrecida.

Dois – Esse é o risco… da criação ex nihilo.

Um – Está bem.

Dois – Além disso, lembro-te que ex nihilo nihil fit. Nada vem do nada.

Um – Está bem.

Dois – E digo mais: ex nihilo nihil fit, in nihilum nil posse reverti. Nada vem do nada e nada pode regressar ao nada.

Um – Está bem…

Dois – O que os cientistas conseguiram não foi criar matéria a partir do nada, mas criar matéria a partir da luz.

Um – Bom…

Dois – Por outras palavras, mesmo no teatro se pode criar qualquer coisa a partir do nada… mas é preciso ter uma ideia luminosa.

Um – Está bem.

Escuro.

17 – As abelhas

Um – Olá, também és uma das abelhas recoletoras? Nunca te tinha visto cá fora…

Dois – Não, eu sou ama.

Um – Ah, está bem… Então é por isso.

Dois – Deve ser agradável, isso de recolher. Ao menos vês mundo.

Um – Depende do tempo. Às vezes também me apetecia ficar ao quentinho na colmeia.

Dois – E como vai a recolha do pólen? Estamos em plena época, não é?

Um – Não nos podemos queixar. Agora andamos a colher pólen dos castanheiros.

Dois – Dos castanheiros? Pensei que fosse da alfazema.

Um – Também pensei, mas ontem acordei e os campos de alfazema tinham sido substituídos por um bosque de castanheiros.

Dois – Às vezes pergunto-me se, durante a noite, a colmeia não se moverá sozinha.

Um – Sozinha, achas?

Dois – Não sei…

Um – Esta colmeia é muito bem organizada. Cada uma tem a sua tarefa.

Dois – Sim… Achas que haverá colmeias menos bem organizadas?

Um – Não sei, é a única que conheço.

Dois – Seja como for, este ano vai haver outra vez muito mel.

Um – Sim… Olha, queria fazer-te uma pergunta, tu que estás muitas vezes dentro da colmeia.

Dois – Sim…?

Um – Para onde vai todo o mel que produzimos?

Dois – Porque é que me perguntas isso?

Um – Produzimos quilos de mel e a nós dão-nos uma espécie de melaço horrível.

Dois – Não sei… Acontece como com os campos de alfazema: acordamos e o mel desapareceu. No lugar dele há melaço…

Um – Eu gosto de mel. Gostava de o provar de vez em quando. Tu já comeste mel?

Dois – Não…

Um – Às vezes pergunto-me se não estarão a fazer de nós parvas…

Dois – Quem…?

Um – Pois… não sei muito bem, precisamente…

Escuro.

18 – Os migrantes

Um – Onde poderemos passar férias este ano?

Dois – Não sei… Cada vez é mais difícil encontrar um país que não seja uma ditadura…

Um – Finlândia…?

Dois – E onde, além disso, se possa apanhar um pouco de sol no verão.

Um – Nas antigas ditaduras, as pessoas continuavam a ir passar férias à beira-mar sem se incomodarem muito.

Dois – Eram ditadores que não tinham sido eleitos. Ainda podíamos esperar que um dia tudo mudasse. O que me incomoda é ir de férias para um país onde as pessoas escolheram deliberadamente a ditadura.

Um – Como no nosso, queres dizer…

Dois – Tens razão… Também não vamos privar-nos de férias…

Escuro.

19 – Os predadores

Um – Se uns extraterrestres aterrassem agora mesmo na Terra, o que é que lhes dirias?

Dois – Dizia-lhes que voltassem imediatamente para o seu planeta. Não temos nada a ensinar-lhes. Tínhamos tudo para ser felizes e, mesmo assim, uma minoria ínfima de privilegiados transforma a vida de todos os outros num inferno.

Um – Ah, já…

Dois – E se decidirem ficar e colonizar-nos, que não se preocupem: não há nada que possam fazer aos humanos que outros humanos já não tenham feito.

Um – Está bem…

Dois – E se quiserem destruir a Terra e exterminar a humanidade, também não precisam de se preocupar. Em breve teríamos chegado ao mesmo resultado sem qualquer ajuda exterior.

Um – Então dir-lhes-ias isso…?

Dois – Sim… E tu?

Um – Não sei… Estou à procura de circunstâncias atenuantes…

Escuro.

20 – Os sapos

Um – A vida é injusta, a verdade é essa…

Dois – O quê?

Um – Nós, os sapos, somos estigmatizados, não somos?

Dois – Ah, sim…? E o que te faz dizer isso…?

Um – Pois… não conheço ninguém que sonhe reencarnar num sapo, pois não?

Dois – Sim… Deve ter sido por isso que inventaram essa história.

Um – Que história?

Dois – A do sapo que se transforma num príncipe encantado.

Um – Desde que encontre uma princesa disposta a beijá-lo. Não nos dá grande esperança, pois não?

Dois – É verdade.

Um – Achas que alguma vez um sapo se transformou mesmo num príncipe encantado?

Dois – Uma coisa é certa: com a idade, todos os príncipes encantados acabam por se transformar em sapos.

Escuro.

21 – Os corvos

Um – Está tudo bem?

Dois – Sim, porque perguntas…?

Um – Não sei. Às vezes tenho a impressão de que há qualquer coisa que não está bem.

Dois – Não, não, está tudo bem…

Um – Diz-se que todos os corvos se parecem, mas não sei… tu sempre me pareceste diferente…

Dois – Ah, sim…?

Um – Não sei… qualquer coisa na tua maneira de grasnar. Até na tua forma de voar…

Dois – Achas…?

Um – Estou enganado?

Dois – Não.

Um – Então o que é? Qual é o teu segredo, Babac?

Dois – Prometes não contar a ninguém?

Um – Juro.

Dois – Mal saí do ovo, fui adotado por uma família humana.

Um – Não…?

Dois – Nunca conheci os meus pais. Soube mais tarde que um lenhador cortou a árvore onde estava o nosso ninho. Os meus pais fugiram, eu caí no chão e o lenhador levou-me para casa.

Um – É incrível… E depois?

Dois – Davam-me de comer à colher e dormia protegido dentro de casa.

Um – Meteram-te numa gaiola?

Dois – Não, era completamente livre.

Um – Podias ter fugido.

Dois – Eram muito bons para mim. E, além disso, para onde havia de ir? Não conhecia outros corvos. Nem sequer sabia que era um corvo.

Um – Não sabias que eras um corvo?

Dois – Nunca tinha visto outras aves. Nem sequer sabia que podia voar.

Um – Não…?

Dois – Deslocava-me pela casa e pelo jardim aos saltinhos. Não precisava de voar e nem sabia o que isso era. Os humanos com quem vivia também não voavam…

Um – E depois?

Dois – Vivi assim durante alguns anos. Era bastante feliz.

Um – E depois?

Dois – Um dia saltei um pouco mais alto para subir para uma mesa. Bati as asas e percebi que conseguia voar. Primeiro até um muro, depois até uma árvore. E, aos poucos, comecei a voar como um corvo a sério.

Um – Então foste-te embora?

Dois – Não imediatamente. Estava bem com eles. E não sabia para onde ir. Às vezes ia-me embora por algumas horas, mas voltava sempre. Depois ausentava-me durante alguns dias…

Um – E depois?

Dois – Conheci outros corvos e percebi que o meu lugar não era junto dos humanos.

Um – Não deve ter sido fácil…

Dois – Não. Tive de aprender tudo: primeiro, a encontrar comida sozinho. Depois, a desaprender o que aprendera com a família de acolhimento. Depressa percebi que, para os outros humanos, eu era apenas mais um corvo. Não podia contar com eles e arriscava-me a levar um tiro se me aproximasse demasiado.

Um – Eu bem dizia que não eras como os outros…

Dois – Sim…

Um – E nunca sentiste falta da tua família de acolhimento?

Dois – Sim, às vezes ainda penso neles. Mas tinha de os deixar para viver a minha vida de corvo. Acho que, no fundo, eles compreenderam isso muito bem. E agradeço-lhes nunca me terem metido numa gaiola.

Um – E os teus verdadeiros pais…?

Dois – Nunca mais os vi. Anos depois voltei ao lugar onde o lenhador tinha cortado a nossa árvore. Já não havia floresta, mas um campo de trigo. Naquele dia havia muitos corvos a voar e, lá em baixo, estava um homem a pintar um quadro.

Um – Um quadro?

Dois – Um pintor…

Um – Ah, sim, já vi algum uma vez ou outra… E o que é que ele pintava?

Dois – O campo… com os corvos.

Um – Então, talvez tu estejas no quadro…

Dois – Pode ser.

Um – Espera aí… Vês aquele sapo, ali?

Dois – Sim, até há dois.

Um – Não terás um bocadinho de fome…?

Escuro.

22 – As presas

Um – Está tudo bem?

Dois – Sim…

Uma pausa.

Um – Não parece.

Dois – Sim, sim, está tudo bem…

Um – Está bem…

Uma pausa.

Dois – Detiveram o vizinho…

Um – O vizinho?

Dois – O vizinho da esquerda.

Um – Como sabes que é de esquerda? Já não falamos de política há muito tempo. Muito menos com os vizinhos…

Dois – Refiro-me ao vizinho da porta à esquerda, no nosso patamar.

Um – Ah, sim. O vizinho da esquerda… Então… detiveram-no.

Dois – Sim.

Uma pausa.

Um – Porque é que o detiveram?

Dois – Vai-se lá saber…

Uma pausa.

Um – Então detiveram-no…

Dois – Sim…

Um – Pois é, isto…

Dois – É assim.

Um – E como é que sabes?

Dois – Vi um carro preto estacionar diante do prédio. Depois ouvi barulho no patamar, espreitei pelo óculo da porta e vi-os bater à porta dele. Abriu e prenderam-no.

Um – E depois levaram-no…

Dois – Quando os vi chegar… pensei que iam bater à nossa porta. Dá-me um bocado de vergonha, mas… quando vi que batiam à porta do vizinho, senti-me aliviado.

Um – Compreendo…

Uma pausa.

Dois – Achas que também nos vão deter a nós?

Um – Porque haveriam de nos deter?

Dois – Vai-se lá saber… Talvez porque conhecíamos o tipo que acabaram de deter.

Um – Tu conhecias esse vizinho?

Dois – Não… Bom, disse-lhe olá uma ou duas vezes.

Um – Talvez não devesses tê-lo feito.

Dois – Como é que eu havia de saber…?

Um – Saber o quê…?

Dois – Que o iam deter.

Um – De qualquer forma, não se detém alguém só por ter dito olá a outra pessoa.

Dois – Achas…?

Um – Não sei… Eu já nem cumprimento ninguém, por precaução…

Dois – É normal cumprimentar as pessoas que conhecemos.

Um – E elas também não nos cumprimentam, lembra-te.

Dois – É verdade.

Um – Além disso, já não conhecemos ninguém.

Dois – Não, todos os que conhecíamos foram detidos.

Um – E agora começam a deter pessoas que não conhecemos.

Dois – É de estranhar que ainda não nos tenham prendido.

Um – Não fizemos nada de mal, pois não?

Dois – Não. Bem, acho que não… Achas que fizemos alguma coisa de mal?

Um – Não sei.

Dois – Mesmo que não tenhamos feito nada de mal…

Um – Quando procuram, acabam sempre por encontrar alguma coisa.

Dois – Talvez fizéssemos melhor em mudar-nos…

Um – Para onde iríamos?

Dois – Não sei.

Um – E, além disso, podiam achar suspeito.

Dois – Suspeito?

Um – Se mudarmos de casa, é porque temos alguma coisa a esconder.

Dois – De qualquer maneira, acabariam por encontrar-nos.

Um – Mudar de casa está muito bem, mas… teremos sempre de viver em algum lado.

Dois – Acho que o vizinho da esquerda tinha acabado de se mudar.

Um – Por isso não o conhecíamos.

Dois – E seguramente foi por isso que o detiveram.

Um – Com certeza…

Dois – Tens razão, é melhor ficarmos aqui.

Um – Sim… Não é altura de chamar a atenção.

Uma pausa.

Dois – E tu, está tudo bem?

Um – Está tudo bem…

Dois – Não parece.

Um – Sim, sim, está tudo bem…

Dois – Está bem…

Escuro.

23 – Os papagaios

Um – Pensas mesmo o que dizes?

Dois – Pensas mesmo o que dizes?

Um – Não, estava mesmo a perguntar-te se pensavas o que dizias…

Dois – Ah, desculpa…

Uma pausa.

Um – E então?

Dois – Se penso no que digo?

Um – Sim.

Dois – E o que é que eu disse?

Um – Não sei. Acho que estavas a repetir o que eu tinha dito.

Dois – E tu? Pensavas mesmo o que dizias?

Um – Não sei. Eu só estava a repetir o que tinha ouvido dizer.

Dois – É incrível… Então nem sequer pensamos no que dizemos?

Um – Não…

Uma pausa.

Dois – Mas somos papagaios. Não é suposto pensarmos, pois não?

Um – Mas somos papagaios. Não é suposto pensarmos, pois não?

Uma pausa.

Dois – Pensas mesmo o que dizes?

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Dezembro de 2025

© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-399-6

Documento para download gratuito